

QUANDO A DOR consegue unir pessoas

Diante da perda, muitas pessoas entram em depressão e vêem a família se desestruturar. É preciso buscar forças para seguir em frente. Em Belo Horizonte, existe um grupo pioneiro no apoio a essas pessoas

RODRIGO MELO E WALISSON FERNANDES

“Saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”. Este é um dos versos da canção “Pedaço de Mim”, de Chico Buarque, que retrata a vida de milhares de pais que perdem seus filhos por circunstâncias diversas. A dor e a angústia não são superadas, porém, podem ficar mais brandas. É preciso viver com intensidade os momentos de perda, para entendê-los melhor e criar caminhos novos, sem a tentativa de esquecer o passado. “Ó pedaço de mim, ó metade afastada de mim, leva o seu olhar. A saudade é o meu pior tormento”, segue a canção.

A chamada “lei da vida”, teoricamente, indica que são os filhos que, primeiro, perdem os pais. No entanto, ao serem surpreendidos com a morte de um filho, os pais enfrentem ainda mais dificuldades em superar o trauma e, até mesmo, dar atenção aos filhos que permanecem aqui.

No feriado de 21 de abril de 1998, Camile Tavares, de 18 anos, foi para um churrasco em um sítio, próximo à Belo Horizonte, de carona com amigos. O pai de Camile, o médico Eduardo Tavares, recomendou que, caso os amigos bebessem, que ela ligasse imediatamente, que ele a buscaria. Não foi o que aconteceu. No final daquele dia, Eduardo e a esposa, a psicóloga Gláucia Tavares, receberam a notícia de um acidente com o carro em que estava Camile. A filha caçula do casal havia morrido. “Durante muito tempo, quando eu precisava abrir o armário da Camile, o fechava rapidamente para que o cheiro dela não se perdesse”, conta Gláucia Tavares. “Somente a certeza de sermos amados, e de que nossa filha também o foi, é capaz de nos dar forças para transformar a imensa dor da perda em energia criativa, ao invés de depressão”, conta Eduardo



Após a morte da filha, a psicóloga Gláucia Tavares reuniu forças para criar o Apoio a Perdas Irreparáveis e escrever o livro *Do Luto à Luta*

“Quando se perde pais, fica-se órfão.
Quando se perde cônjuge, fica-se viúvo.
E quando se perde filho, fica-se como?”

Tavares sobre a aceitação da perda de Camile.

Gláucia e Eduardo viveram seis meses de muita angústia e reflexão sobre a morte da filha. Nesse período, contaram com o apoio e solidariedade de todos os amigos e parentes. “Por que você não muda de casa?”, segundo Gláucia, essa era sempre a primeira recomendação das pessoas próximas. “Quando se perde pais, fica-se órfão. Quando se perde cônjuge, fica-se viúvo. E quando se perde filho, fica-se como?”, questiona a psicóloga. Mas ela e o marido, após esses seis meses, entenderam que deviam transformar essa dor em ações modificadoras, que pudessem confortar e auxiliar pessoas que tinham, e teriam, o mesmo problema.

SEMELHANTES AJUDANDO SEMELHANTES

Em outubro de 1998, Gláucia e Eduardo criaram o API (Apoio a Perdas Irreparáveis), uma associação para apoiar pessoas que precisam lidar com a perda. “Passados os seis meses, precisávamos encontrar a nossa turma. As pessoas próximas nos apoiavam, mas não tinham vivido a mesma dor. Foi então que criamos a associação, para que pudessemos ouvir e sermos ouvidos”. No API, as reuniões são abertas a todos que tenham passado por perdas. Os encontros são mensais e livres para que cada um exponha suas angústias e sentimentos, compondo um momento de ajuda recíproca.

A primeira reunião do API contou com a presença de doze casais e, ao longo de seus dez anos, a associação já atendeu milhares de pessoas. Nos seis primeiros meses, as reuniões eram feitas na residência dos próprios fundadores. Outras reuniões foram feitas na casa de membros do API. Percebendo que o grupo estava cada vez maior, resolveram buscar novos espaços. Foi então, que os encontros passaram a acontecer em um auditório do Centro Universitário Newton Paiva. Atualmente, o grupo se reúne no primeiro domingo de cada mês, na Rua Espírito Santo, 2727, no bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte.

DO LUTO À LUTA

Diante de tamanho crescimento do API e de um projeto antigo de Gláucia e Camile, nasceu o livro “Do Luto à Luta” (Ed. Casa de Minas), em que foi possível falar sobre o tema para outras pessoas e mostrar depoimentos de quem passou pela dor da perda. O livro foi lançado em dezembro de 2001, no mesmo dia da colação de grau da turma de jornalismo da qual Camile fez parte. Como forma de prestar uma homenagem, os amigos batizaram a turma de “Camile Rezende Tavares”.

API – CONTATOS

BELO HORIZONTE
(31)32825645

ITAÚNA
(37)3241-4054

SANTO ANTONIO DO MONTE
(37) 3281-1695

GOVERNADOR VALADARES
(33) 3271-5037

DIVINÓPOLIS
(37) 3214-7667